

ANÁLISE DO PERFIL DE AUTOMEDICAÇÃO DE PACIENTES ENTRE 18 Á 50 ANOS, ATENDIDOS EM UMA DROGARIA LOCALIZADA NO MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA-ES

Ana Laura Vomoca Föeger¹
Priscila Pinto e Silva dos Santos²

RESUMO

Automedicação é o ato de tomar remédios por decisões próprias, sem prescrição e/ou orientação médica. Isso ocorre para solucionar um alívio imediato de alguns sintomas, isto leva a ação irresponsável. A pesquisa teve como objetivo analisar o perfil de pacientes entre as idades de 18 a 50 anos, que praticam a automedicação em uma drogaria no município de Santa Leopoldina-ES. Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa e análise descritiva dos dados utilizando um questionário aplicado estruturado com questões fechadas elaborado pelo autor que contempla questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos pacientes, condições clínicas e automedicação, através do Google forms. A pesquisa identificou que a grande maioria dos entrevistados foram do sexo feminino 63%, com faixa etária de 20 a 30 anos que corresponde 40% dos participantes e 47% declararam ser solteiro, 38% possuíam ensino médio completo, sendo 78% dos participantes residentes do município de Santa Leopoldina-ES ainda 57% relataram ter a renda familiar entre 2 a 3 salários mínimos, e 71% não possuía plano de saúde. O resultado da pesquisa nos mostrou que as classes terapêuticas mais usadas pelos pacientes são os fármacos com propriedades analgésicas e antipiréticas, sendo a dipirona e o paracetamol um dos medicamentos mais usados. O principal papel do profissional farmacêutico na automedicação é a orientação, com intuito de reduzir o uso incorreto de medicamentos, portanto o profissional deve estar preparado para atuar na atenção farmacêutica.

Palavras-chave: Automedicação. Farmacêutico. Drogaria.

ABSTRACT

Self-medication is the act of taking medication by decision, without a prescription and/or medical advice. This is to solve an immediate relief of some symptoms, this leads to irresponsible action. The research aimed to analyze the profile of patients between the ages of 18 to 50 years, who practice self-medication in a drugstore in the city of Santa Leopoldina. This is a cross-sectional study, with a quantitative approach and descriptive data analysis using an applied questionnaire structured with closed questions prepared by the author, which includes questions related to the sociodemographic profile of patients, clinical conditions and self-medication, through Google forms. The survey identified that the vast majority of respondents were 63% female, aged between 20 and 30 years, which corresponds to 40% of the participants and 47% declared to be single, 38% had completed high school, and 78% of the participants were residents 57% of the municipality of Santa Leopoldina-ES reported having a family income between 2 to 3 minimum wages, and most of them did not have a health insurance plan, 71%. The research results showed us that the therapeutic

¹Graduando do Curso de Farmácia da Faculdade Centro Universitário Salesiano- UniSales
E-mail: analauraföeger@hotmail.com

² Farmacêutica, Mestre em Doenças Infecciosas, Professora universitária. E-mail:
psantos@salesiano.br.

classes most used by patients are drugs with analgesic and antipyretic properties, with dipyron and paracetamol being one of the most used drugs. The main role of the pharmacist in self-medication is guidance, in order to reduce the unnecessary use and/or misuse of medications, therefore, the professional must be prepared to work in pharmaceutical care.

Keywords: Self-medication. Pharmaceutical. Drugstore.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é o ato de tomar remédios por decisões próprias, sem prescrição e/ou orientação médica. Isso ocorre para solucionar um alívio imediato de alguns sintomas, isto leva a ação irresponsável, podendo trazer consequências a saúde e/ou acarretar o agravamento da doença, a utilização feita inadequada poder resultar em vários efeitos adversos (OMS, 2012).

Medicamentos são de extrema importância na sociedade, sendo a utilização pela população Brasileira alta, sendo eles influenciáveis por vários fatores da sociedade. Embora esteja ocorrendo vários avanços a sociedade ainda passa por dificuldades de acesso, a falta de medicamentos nas unidades básicas de saúde, demora e baixa qualidade dos atendimentos nos serviços de saúde tanto no setor público como também em setor privado (ARRAIS et al, 2016).

Com a vinculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, se torna ainda maior a presença de farmacinhas nos domicílios, trazendo uma visão para a população que os medicamentos resolvam tudo, estabelecendo fatores relevantes a prática da automedicação (ARRAIS et al, 2016).

Diante do exposto essa pesquisa respondeu ao seguinte problema de pesquisa, qual o perfil dos pacientes atendidos em uma drogaria localizada no município de Santa Leopoldina que praticam automedicação?

Essa pesquisa foi realizada, com objetivo de analisar o perfil de automedicação de pacientes entre 18 á 50 anos, atendidos em uma drogaria localizada no município de Santa Leopoldina-ES.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL

Segundo Organização Mundial da Saúde (2012), a automedicação é o ato de tomar remédios por decisões próprias, sem prescrição e/ou orientação médica. Isso ocorre para solucionar um alívio imediato de alguns sintomas, isto leva a ação irresponsável, podendo trazer consequências a saúde e/ou acarretar o agravamento da doença, a utilização feita inadequada poder resultar em vários efeitos adversos.

Segundo o Conselho Federal de Farmácia, problemas da saúde considerados simples são também conhecidos como problemas de saúde autolimitado, tendo como característica por doenças agudas de baixa gravidade, de breve período de latência (BRASIL, 2013).

Segundo Fernandes (2015, p.1)

A automedicação e o uso irracional de medicamentos são práticas comuns entre a população brasileira, culminando em problemas secundários

ocasionados por essa prática. As classes farmacológicas que estão envolvidas na automedicação são os denominados fármacos de venda livre de prescrição (MIPs), e vários fatores contribuem para a indução da prática de se automedicar, como fatores financeiros, culturais e sociais. Portanto, o profissional farmacêutico assume importante papel como orientador e agente sanitário, contribuindo para o uso racional de medicamentos e amenizando problemas relacionados ao uso inadequado de fármacos, beneficiando toda a população, que, de maneira geral, possui fácil acesso a esses profissionais.

A automedicação tem sido uma prática cada vez mais comum no Brasil, que pode além de trazer efeitos adversos ocasionar a morte de quem a prática. Segundo a Organização Mundial de Saúde a automedicação tem se tornado um grave problema de saúde pública em todo o mundo. Nesse sentido faz-se cada vez mais necessário que medidas para minimizar os riscos causados automedicação. As medidas preventivas têm como objetivo alertar a população sobre o perigo dos efeitos adversos que os medicamentos podem causar (BRITO, 2010).

A facilidade na compra de medicamentos livres de prescrição em farmácias e drogarias, passam uma visão que esses medicamentos estão livres de riscos. O uso excessivo, levando a ter resultados de efeitos comprometedores a saúde do paciente, expondo os mesmo a reações indesejadas tendo um aumento principalmente a reações adversas devido o consumo excessivo observada na atualidade (AQUINO, 2010).

A indústria farmacêutica, também leva o paciente a automedicar-se, exercendo uma certa pressão através da publicidade. A publicidade permite que o paciente, crie e fique com uma imagem positiva do medicamento. Então o paciente terá em mente o medicamento eficaz e seguro, esquecendo os riscos associados ao medicamento. Deste modo, a publicidade pode não colaborar com o uso racional do medicamento. (JOAQUIM, 2011).

Segundo Brasil (2013, p.4) “[...] resolução 585/13 pela qual regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico, a prescrição (receita) de medicamentos que não exijam prescrição médica, ou seja, os conhecidos medicamentos de venda livre [...]”.

Segundo Joaquim (2011, p.31) “[...] A internet promove um auto-diagnóstico que leva a uma automedicação sem qualquer informação de um profissional de saúde. E por outro lado, incentiva ao consumo de medicamentos e conseqüentemente promove a automedicação [...]”.

Embora que a automedicação seja necessária em alguns casos, é evidente que este hábito, sendo usado de maneira errada e de uso excessivo, pode trazer conseqüências e efeitos indesejados, mascaramento de doenças evolutivas, portanto, esse problema pode ser prevenido (AQUINO, 2010).

A prática da automedicação, é utilizar o medicamento apenas quando for imprescindível, e recomendado por um profissional da saúde especializado (AQUINO, 2010).

Umas das razões que leva a população a fazer a automedicação é a experiência prévia do uso do medicamento. Quando um usuário tem uma experiência com resposta positiva ao medicamento, esta volta a consumir o mesmo, quando ocorrer sintomas semelhantes numa próxima vez. O aconselhamento de um medicamento pelo vizinho, amigo ou familiar também são situações frequentes (JOAQUIM, 2011).

Na maioria dos casos, o paciente pode solicitar um medicamento pelo seu nome comercial, mas isso não significa que, conheça seus benefícios, reações adversas,

contraindicações e sua posologia. Muitas vezes o usuário conhece o medicamento através de amigos ou familiares, mas isso pode ser prejudicial ao mesmo (JOAQUIM, 2011).

Segundo Naves (2010, p.2)

Em uma sociedade, os hábitos de consumo de medicamentos podem ser afetados positivamente pelas políticas nacionais quando promovem a regulamentação do suprimento e a disponibilização racional de medicamentos essenciais, pressupondo o acesso ao diagnóstico e prescrição por profissionais habilitados. Por outro lado, o consumo pode ser influenciado negativamente pelo acesso sem barreiras e pela promoção e publicidade de medicamentos, que muitas vezes estimulam a utilização desnecessária e irracional. Os governos precisam conhecer as razões e as formas de uso irracional de medicamentos; é necessário ter informações específicas para verificar a magnitude desse problema, identificar estratégias e monitorar o impacto das possíveis intervenções. Além dos interesses econômicos, políticos e fatores estruturais, os padrões de uso de medicamentos numa sociedade são determinados, também, pelos aspectos interpessoais presentes nas relações entre profissionais e usuários do sistema de saúde e pelas percepções, valores e crenças que determinam as atitudes individuais com relação à busca de solução para os problemas de saúde.

2.2 MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO

Automedicação envolve o uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs). Os MIPs, tem uma acessibilidade fácil, através de farmácias, sendo o estabelecimento de primeira escolha onde o paciente, busca auxílio para resolução de problemas de saúde autolimitados. O fácil acesso aos MIPs, torna diretamente ligados a automedicação, sendo um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde, uma vez que os MIPs não são prejudiciais ao organismo quando usados corretamente (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021).

Os medicamentos mais consumidos sem recomendação médica, são os medicamentos antigripais, os analgésicos, antialérgicos, vitaminas e suplementos minerais. Os medicamentos usados na automedicação, variam de acordo com a faixa etária de quem os consome. Sendo assim temos situações diferentes em casos de crianças, adultos, idosos ou grávidas (JOAQUIM, 2011).

Os riscos da automedicação, tendo uma resposta negativa como sinais e sintomas após o uso, pode ocasionar e agravar outros problemas de saúde. Portanto o farmacêutico que atua em farmácias comunitárias, oferece ao paciente o serviço de atenção farmacêutica, e orientação de problemas de saúde autolimitado. Essa atenção faz com que o farmacêutico acolha os pacientes com transtornos menores, identificando suas necessidades, e orientando sobre as medidas não farmacológicas e o uso de MIPs, somente quando necessário (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021).

Quando um paciente chega em um estado mais grave na farmácia muitas vezes isso ocorre por falta de atendimentos nas unidades básicas de saúde, o farmacêutico deve fazer anamnese do paciente, caso houver um tratamento específico com acompanhamento médico, o farmacêutico deve orientá-lo a se encaminhar para um outro profissional da saúde, para que ocorra o atendimento mais específico com prescrição de receita para solucionar o problema relatado (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021).

O ato da dispensação do medicamento é fundamental assistência farmacêutica, condutas que direcionem orientações necessárias, para segurança do paciente e eficaz. Para que isso ocorra, o farmacêutico deve utilizar fichas de acompanhamento farmacoterapêutico, a orientação sobre a posologia ao paciente é fundamental no tratamento e cura da doença, muitos dos pacientes não tem tal conhecimento sobre os intervalos de administração dos medicamentos, interferindo na biodisponibilidade do medicamento e na sua efetividade farmacológica (AMARAL, 2018).

Os medicamentos para serem enquadrados como MIPs precisam possuir algumas características descritas no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Requisitos para enquadramento de medicamentos como MIPs

Tempo mínimo de comercialização do princípio ativo ou associações	Dez anos de comercialização, sendo o mínimo de cinco anos no Brasil com venda sob prescrição médica OU comercialização por cinco anos no exterior regulamentado como MIP e satisfazendo todos os demais critérios relacionados abaixo.
Segurança	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo potencial de causar dano à saúde quando obtido sem prescrição médica, considerando sua forma farmacêutica, princípio ativo, concentração do princípio ativo, via de administração e posologia. • Baixo potencial de toxicidade e janela terapêutica segura (grande diferença entre a dose eficaz e a dose tóxica). • Baixo potencial de interação com medicamentos e alimentos. • As reações adversas relatadas devem possuir causalidade conhecida e serem reversíveis após suspensão do uso do medicamento.
Indicação Terapêutica	Tratamento, prevenção e alívio de sintomas não graves, com evolução lenta ou inexistente. Os sinais e sintomas devem ser facilmente observados pelo paciente, cuidador ou farmacêutico.
Tempo de utilização	Utilização por curto prazo ou por tempo determinado em bula.
Administração e Riscos Associados ao Paciente	<ul style="list-style-type: none"> • Ser de fácil administração pelo paciente ou cuidador. • Oferecer: <ul style="list-style-type: none"> - Baixo risco ao paciente em casos de mau uso, como a utilização do medicamento para finalidade diferente da estabelecida em bula. - Baixo risco de abuso com a utilização do medicamento em quantidade ou período superior ao recomendado. - Baixo risco de intoxicação.
Dependência	Não apresentar potencial de dependência, ainda que não seja utilizado conforme estabelecido na bula.

Fonte: adaptado da Anvisa, 2016.

2.3 RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação vem contribuindo para o acontecimento de vários riscos graves à saúde, como reações adversas, reações alérgicas e entre outros. De acordo com o Ministério da Saúde, o uso excessivo pode aumentar a resistência de microrganismos e a inibição dos efeitos medicamentosos (BRASIL, 2001).

Segundo o Brasil (2014, p.1)

[...]O secretário de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, Carlos Gadelha, alerta que Stuart está em risco. Segundo Gadelha, optar pela

automedicação pode trazer consequências graves para a saúde. "Pode matar, os excessos de medicamentos ou às vezes o uso prolongado de um medicamento. Os efeitos colaterais, os efeitos adversos. Basta ler as bulas, vocês vão ver que todos os medicamentos, eles podem ter efeitos adversos. O uso indevido de medicamentos, ele pode piorar a qualidade de vida em vez de melhorar a qualidade de vida se ele for utilizado inadequadamente[...].

A utilização indevida de medicamentos, mesmo sendo medicamentos comuns do dia a dia, pode provocar vários efeitos, tais como: reações de hipersensibilidade dependência do medicamento, e entre outros. Grandes partes das mortes no Brasil, é devido a intoxicação medicamentosa, e na maioria dos casos, isso ocorre por conta da automedicação irracional. Uma resposta rápida em alívios de sintomas, pode mascarar a doença de base, e podendo desenvolver um estado grave na saúde do paciente (AMARAL, 2018).

O uso indevido ocorre por falta de informações sobre o medicamento, como por exemplo, o uso errado na administração, dose, via de administração, tempo de duração do tratamento e entre outros. O uso inadequado da medicação faz com que o paciente aumente os seus riscos na automedicação, isso acontece eventualmente com idosos, ou com pessoas com déficit cognitivo, onde esquecem de tomar os medicamentos, ocorrendo a alteração muitas vezes das posologias e horas de administração (JOAQUIM, 2011).

Mesmo a prática da automedicação vem trazendo muitos riscos à saúde, também tem seus benefícios. Um desses benefícios é a redução e carga de trabalho dos médicos, tendo a redução de consulta entre o paciente e médico, não havendo sobrecargas nas consultas médicas quando se refere aos problemas que são considerados de pouca importância. Sendo assim para a indústria farmacêutica, infelizmente a automedicação também é um ato favorável, pois isso faz com que aumente as vendas dos medicamentos e por tanto aumente os lucros financeiros, tendo como a principal importância o lucro e não a atividade farmacêutica para o bem-estar da população (JOAQUIM, 2011).

2.4 AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Com consumo elevado de medicamentos no cotidiano, principalmente ocorre entre idosos, é comum que eles apresentem como consequências, alguns problemas relacionados a farmacopeia, como reações adversas, interações, utilização errada, tratamento inadequado e entre outros, e isso faz com que ocorra agravamento diante aos processos patológicos e/ ou as mudanças fisiológicas relacionada a idade (CASCAES; FALCHETTI; GALATO; 2008).

Os idosos devido as alterações decorrentes do processo de envelhecimento, são potencialmente consumidores de medicamentos, e com isso as classes farmacológicas como antibióticos, ansiolíticos, antidepressivos e os beta-adrenérgicos, são os mais utilizados, tendo uma média de consumo diário de dois a cinco medicamentos por dia sendo sensíveis a efeitos adversos, interações medicamentosas e toxicidade (PEREIRA et al.,2017).

Em um estudo realizado por Oliveira e colaboradores (2017) em um centro de referência na Atenção à Saúde do Idoso de um hospital de ensino em São Paulo, participaram 170 idosos com média de idade de 76 anos e a grande maioria eram do sexo feminino. A pesquisa mostrou que 80,5% praticavam automedicação e as

principais classes de medicamentos utilizadas eram: anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), analgésicos, antipiréticos relaxantes musculares e antirreumáticos. Entre os idosos que praticaram automedicação, a maioria utilizou medicamentos inadequados para idosos e a maior parte utilizam medicamentos que apresentavam a mesma classe farmacológica, sendo eles a maioria medicamentos isentos de prescrição (MIPS) e 47,4% como de venda sob prescrição médica.

Os medicamentos utilizados sem prescrição médica pelos idosos, são os medicamentos do sistema músculo esquelético, foram os mais frequentes, sendo 36,1% daqueles utilizados por automedicação, relaxantes musculares e anti-inflamatórios não esteroidais. Em seguida, foram mais utilizados os medicamentos para o sistema nervoso, sendo o principal grupo farmacológico deste sistema os outros antipiréticos e analgésicos, como paracetamol e dipirona. Em média 68,6% dos idosos manifestaram pelo menos uma interação pelos medicamentos prescritos e utilizados por automedicação (OLIVEIRA et al.,2018)

A automedicação é extremamente comum entre idosos, sendo um importante fator de risco para a saúde, os idosos possuem alterações fisiológicas como: aumento ou diminuição da massa corporal, redução da proporção de água, alterações no metabolismo hepático, diminuição na excreção renal o que pode alterar na forma em que seu corpo fara a eliminação de produtos do metabolismo do fármaco, isso pode levar no acúmulo de substâncias tóxicas o que pode a longo prazo levar a ocorrência de reações adversas (MONTEIRO; DE AZEVEDO; BELFORT; 2017).

2.5 ARMAZENAMENTO DOMICILIAR DE MEDICAMENTOS

Os armazenamentos em domicílio de forma prolongada poderão trazer perdas de medicamentos, devido a validade e isso promove o descarte inadequado, e quando se é mantido em locais indevidos de formas inapropriada, pode interferir na composição do medicamento como, altas temperaturas, luz e umidade. A falta de conhecimento da população sobre como armazenar os medicamentos em domicílio, pode influenciar no processo de estocagem, uso posterior e tipo de descarte após o tratamento (PEREIRA; DE PAULA; SANTOS; 2018)

Segundo Pereira, De Paula e Santos (2018), foi realizado um estudo sobre armazenamento e esse estudo mostrou que, 55% da população guardava os medicamentos no quarto e 45% depositavam os medicamentos na cozinha e banheiro.

Os locais citados anteriormente, observa-se que o de menos risco e que poderia trazer pouca interferência na integridade do medicamento, seria no quarto. A cozinha e banheiro contém um alto índice de umidade, luz e variação da temperatura, e isso faz com que possa interferir diretamente nas propriedades organolépticas dos fármacos. (PEREIRA; DE PAULA; SANTOS; 2018).

Essas alterações que podem ocorrer com os fármacos, faz que com que ocorra um comprometimento na qualidade e efetividade deles. Esses fatores favorece a degradação dos princípios ativos, e com isso o paciente não alcança sua eficácia desejada, podendo formar outras substâncias tóxicas, trazendo danos ao ser humano (PEREIRA; DE PAULA; SANTOS; 2018).

Os medicamentos devem sempre ser mantidos nas embalagens originais, isso faz com que garanta sua conservação e identificação, mantendo em locais frescos, longe do calor e da luz, por isso é indicado que não faça o armazenamento em banheiros e

cozinha. Alguns medicamentos precisam ser armazenados na geladeira, mas não devem ser colocados na porta ou no congelador (NASCIMENTO JÚNIOR,2016).

Medicamentos de forma de soluções e suspensões, necessitam de uma atenção maior quanto ao tempo de armazenamento depois de abertos. O paciente deve sempre observar as recomendações no fabricante no interior da sua embalagem, observar se as características do produto continuam a mesma após a abertura do medicamento (NASCIMENTO JÚNIOR,2016).

As grandes transformações e descobertas nos desenvolvimentos de novos fármacos, possibilita grandes avanços nas atividades de assistência à saúde, sendo o medicamento o mais utilizado. O crescimento na sociedade capitalista, tornou o mercado farmacêutico ainda maior, somando a um modelo de atenção à saúde focado em tratamento de doenças, e isso tornou o uso de medicamentos progressivo e abusivo (ALENCAR et al., 2014).

O acúmulo de medicamentos em domicílios, e em serviços de saúde, muitas perdas por validade e/ou o uso do medicamento ser realizado somente uma vez, faz com que o descarte inadequado se torna ainda mais preocupante. Além das dimensões técnica, econômica e política, eles também podem representar um grande problema ambiental, como a contaminação orgânica oriundos destes resíduos (ALENCAR et al., 2014).

A presença de fármacos nos solos e na água, tendo como destaque os antibióticos, estrogênios, antineoplásicos e os imunossupressores, tem um potencial tóxicos de difícil decomposição, tendo eles efeitos teratogênicos, mutagênicos e carcinogênicos nas populações animais e humanas. Um procedimento comum em domicílios em áreas rurais, é o descarte através de queimada, isso também representa um grande risco devido a emissão de gases tóxicos poluentes, para a saúde humana e ambiental (CONSTANTINO et al., 2020).

Segundo Constantino e colaboradores (2020, p.6)

Na tentativa de diminuir o impacto ambiental provocado pelo descarte inadequado de resíduos no Brasil, a Anvisa por meio da RDC N° 222 de 2018, regulamentou as boas práticas de Gerenciamento dos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) e determinou que resíduos de fármacos descartados por serviços de saúde, farmácias, drogarias, distribuidores de medicamentos ou apreendidos, necessitam ser expostos a tratamento ou ser desprezados em aterro de resíduos perigosos.

2.6 PESQUISAS EPIDEMIOLOGICAS SOBRE AUTOMEDICAÇÃO

Pesquisa pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em 2019, através do Instituto Datafolha, entre os dias 13 e 20 de março de 2019 identificou que em média 70% dos brasileiros se automedicam com frequência. Através dos dados realizados na pesquisa, quase metade da população se automedica, sendo pelo menos uma vez por mês e menos que a metade da população fazem todo dia ou, uma vez por semana (NEVES,2019).

A pesquisa também mostrou, que a grande maioria das mulheres são as que mais se automedicam, sendo pelo menos uma vez ao mês. A diferença entre homens e mulheres pode ser destinado ao uso de pílulas e hormônios contraceptivos com objetivo de prevenção. A principal influência é de familiares, amigos e vizinhos para a escolha dos medicamentos usados sem prescrição médica (NEVES, 2019).

A pesquisadora relata que, além da grande quantidade de indivíduos que se enquadra nesse caso, o problema está no hábito em rotina de se automedicar, colocando em risco a saúde, tendo mais riscos para crianças e idosos (NEVES, 2019).

A automedicação realizada por idosos pode trazer diversas consequências para sua saúde, principalmente em órgãos, como os rins e o fígado por sofrer alterações que envolvem a metabolização e a eliminação de tais medicamentos, e com isso aumenta os riscos de intoxicações. Em torno de 70% dos idosos, tomam um ou mais medicamentos rotineiramente, o que pode provocar interações medicamentosas e efeitos colaterais (NEVES, 2019).

Uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde (ONU), divulgada em maio deste ano alerta que, até 2050, 10 milhões de indivíduos no mundo poderão morrer a cada ano devido a enfermidades resistentes a medicamentos. As infecções resistentes a remédios já causam, pelo menos, 700 mil mortes todo ano. Dessas, 230 mil são por causa da tuberculose multirresistente. No Brasil, entre 40 e 60% das doenças infecciosas já são resistentes a medicamentos, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No ano passado, a OMS já havia alertado para um aumento no número de casos, no mundo, de tuberculoses resistentes a medicamentos (NEVES, 2019, p 3).

A pesquisa também identificou os medicamentos sem prescrição mais utilizados pela população nos últimos seis meses, são os analgésicos e antitérmicos 50%, relaxantes musculares com 24%, e o medicamento com receita médica mais utilizados são os antibióticos com 42% (NEVES, 2019).

Segundo os dados mais recentes, 40% da população dos pacientes faz autodiagnóstico pela Internet, e isso faz com que também se automediquem. Essa tendência foi observada principalmente nos jovens de 16 a 34 anos, desses, 63,84% têm formação superior (MONTEIRO, 2020).

Com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que tem sinais bem parecidos com os da gripe, o autodiagnóstico ocorre pela internet, e gera a automedicação desses pacientes, e isso ocorre a todo momento e é muito grave. Com medo de se contaminar, os médicos destacam que muitos pacientes estão com medo de ir ao hospital, consultórios a procura de um médico, e isso faz com que ocorra um aumento na automedicação e autodiagnóstico (MONTEIRO, 2020).

2.7 ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NA FARMÁCIA COMUNITÁRIA

A atuação do farmacêutico na farmácia comunitária, é indispensável, para o cuidado a saúde e segurança na terapia. A atenção farmacêutica é um ato que ocorre diretamente aos pacientes, e têm como objetivo contribuir para prevenção de doenças, promoção, proteção e recuperação da saúde, isso contribuindo na melhoria da qualidade de vida do paciente, passando informações necessárias. (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021).

A indicação farmacêutica entende-se como o aconselhamento farmacêutico, onde o profissional de saúde analisa as queixas dos pacientes, como sinais e sintomas relatados, recomendando um medicamento onde não é sujeito a receita médica, fornece também toda a atenção farmacêutica com informações necessária sobre os medicamentos, como por exemplo a via de administração, dose e sua posologia (JOAQUIM, 2011).

O ato profissional pelo qual o farmacêutico realiza como a responsabilidade pela seleção de medicamentos não sujeito a receita médica e de medidas não farmacológicas, tem como principal objetivo aliviar ou resolver um problema de saúde de caráter não grave autolimitante, de curta duração, onde não apresente manifestações clínicas com outros problemas de saúde do paciente (JOAQUIM, 2011).

Os cuidados farmacêuticos orientam a prática do profissional com foco nos pacientes, essa prática obtém respostas positivas para o farmacêutico, que proporciona benefícios tanto para o paciente e para o sistema de saúde. A expectativa é de que a prática aumente a demanda de pacientes e tenha resultados positivos para a valorização e o reconhecimento do profissional farmacêutico, tendo ele como peça fundamental para o crescimento dos sistemas de saúde, tendo reconhecimento da população (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021).

Diante disso, esses aconselhamentos e acompanhamento farmacêutico, mostram a liberdade de espaço que os profissionais podem sem aperfeiçoar, com suas habilidades do cuidado farmacêutico e enfrentando os desafios das boas práticas. Espera-se que os profissionais busquem o melhoramento no ambiente de trabalho a fim de realizar orientações com sigilo das informações, trazendo segurança ao paciente (MIRANDA FILHO; ANDRADE JÚNIOR; MONTENEGRO; 2021)

A avaliação do farmacêutico com o paciente, é fundamental isso faz com que o farmacêutico avalie a gravidade da situação. Essa avaliação é realizada perguntas ao paciente, sobre histórico familiar, duração do seu problema de saúde e a localização dos sintomas e entre outros. Após a avaliação da gravidade e dos transtornos, o farmacêutico terá que entender qual o efeito esperado sobre o paciente (JOAQUIM, 2011).

3 METODOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de ética e Pesquisa (CEP) via plataforma Brasil e de acordo com a Resolução CNS nº 466/12 do Conselho Nacional de saúde e aprovada com parecer número 4.981.673

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa e a expressar sua anuência consciente em participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi preservada a confidencialidade dos dados dos participantes durante todos os procedimentos efetuados.

Realizou-se um estudo transversal, com abordagem quantitativa e análise descritiva dos dados. A pesquisa foi realizada em uma drogaria na cidade de Santa Leopoldina ES e os participantes que aceitaram participar do estudo onde foi aplicado um questionário em local reservado.

Foram inclusos na pesquisa pacientes na faixa etária de 18 anos á 50 anos, residentes no município de Santa Leopoldina e regiões, atendidos em um drogaria localizada no município de Santa Leopoldina e que se dirigiram ao local para fazer compra de qualquer medicamento sem receita médica. Foram excluídas, pessoas acima de 60 anos devido o cenário da COVID-19 o número de idosos reduziu em drogarias, também foram excluídos pacientes que estão fazendo o uso de algum medicamento sem prescrição médica para tratamento da COVID-19.

O instrumento de pesquisa foi um questionário estruturado com questões fechadas elaborado pelo autor que contempla questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos pacientes, condições clínicas e automedicação. O questionário foi aplicado presencialmente através de abordagens aos pacientes.

A análise dos dados foi realizada por métodos da estatística descritiva através de frequências, percentuais e representações gráficas. A análise foi elaborada pelo Programa Excel e Word.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados referentes a automedicação de 100 pacientes atendidos em uma drogaria localizada no município de Santa Leopoldina, através de um questionário estruturado no Google forms.

Inicialmente foram coletados dados sociodemográficos apresentados na tabela 1, e observa-se maioria dos entrevistados são do sexo feminino 63% (n=63), com faixa etária de 20 a 30 anos que corresponde 40% (n=40) dos participantes e 47% (n=47) declararam ser solteiro.

Os voluntários que participaram da pesquisa, 38% (n=38) possuíam ensino médio completo, sendo a maioria residentes do município de Santa Leopoldina-ES 78% (n=78), ainda 57% (n=57) relataram ter a renda familiar entre 2 a 3 salários mínimos, e a maioria não possuía plano de saúde 71% (n=71) (Tabela 1).

Tabela 1 –Caracterização dos dados sociodemográficos coletados na amostra de 100 pessoas entrevistadas em uma drogaria no município de Santa Leopoldina-ES no período de setembro de 2021.

	(continuação)	
	Frequência	Percentual
Sexo (n=100)		
Feminino	63	63%
Masculino	37	37%
Idade		
18 a 20 anos	7	7%
20 a 30 anos	40	40%
30 a 40 anos	15	15%
40 a 50 anos	23	23%
Acima de 50 anos	15	15%
Grau de Instrução		
Nível fundamental incompleto	7	7%
Nível fundamental completo	3	3%
Nível médio incompleto	18	18%
Nível médio completo	38	38%
Nível superior completo	14	14%
Nível superior incompleto	20	20%
Analfabeto	0	0%

Tabela 1 –Caracterização dos dados sociodemográficos coletados na amostra de 100 pessoas entrevistadas em uma drogaria no município de Santa Leopoldina-ES no período de setembro de 2021.

(conclusão)

Renda familiar		
0 a 01 salário mínimos	4	4%
01 a 02 salários mínimos	29	29%
02 a 03 salários mínimos	57	57%
03 a 04 salários mínimos	10	10%
Estado civil		
Solteiro	47	47%
Casado	46	46%
Separado	0	0%
Divorciado	5	5%
Viúvo	2	2%
Possui plano de saúde		
Sim	29	29%
Não	71	71%

Fonte: Elaboração própria, 2021

Pesquisa realizada por Silva e colaboradores (2013) em um Centro de Saúde Universitário em São Paulo, com objetivo de avaliar a prevalência de automedicação e os fatores associados a esta prática, entre os universitários atendidos no Centro de Saúde Escola, mostrou que a idade dos participantes variou de 18 a 29 anos, sendo a grande maioria do sexo feminino e pertencentes às classes socioeconômicas A e B. Entre os estudantes que participaram deste estudo, verificou-se predomínio de automedicação em indivíduos da classe socioeconômica mais alta A1 (15,8%) e A2 (29%) com salários entre 9.733,47 e 6.563,73 reais, respectivamente.

Neves (2019) também relata que a frequência da automedicação também foi maior entre o público feminino (53%). Aquino e colaboradores (2010) descrevem que a prática da automedicação é mais realizada por mulheres isto pode ser explicado devido a maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida como por exemplo uso de pílulas contraceptivas e pela maior procura por cuidados médicos e campanhas educativas mais direcionadas a elas.

Na tabela 2, foi apresentado o perfil dos usuários em relação a automedicação, e verifica-se que 94% (n=94) afirmaram que sabem o que é automedicação, ainda 62% (n=62) responderam que não fazem o uso frequente de algum medicamento. porém 88% (n=88) dos entrevistados fizeram o uso de algum medicamento sem receita médica nos últimos 30 dias, sendo a maioria 36% (n=36) analgésicos como a dipirona e paracetamol os mais usados.

Os dados identificaram que 78% (n=78) dos participantes buscam informações ou esclarecimentos sobre o medicamento. Na pesquisa 30% (n=30) dos pacientes afirmam que tem a indicação de medicamento através do balconista de farmácia. E ainda 52% (n=52) dos pacientes afirmam que se automedicam para solucionar um problema de alívio imediato.

Tabela 2- Características de automedicação frequente e sem receita, indicação e medicamentos sem prescrição médica.

	(continuação)	
	Frequência	Porcentual
Você sabe o que é automedicação?		
Sim	94	94%
Não	6	6%

Tabela 2- Características de automedicação frequente e sem receita, indicação e medicamentos sem prescrição médica.

		(conclusão)
Faz o uso de alguma medicação frequente?		
Sim	38	38%
Não	62	62%
Você usou algum medicamento nos últimos 30 dias sem receita médica?		
Sim	88	88%
Não	12	12%
Qual (is)?		
Anti-inflamatório	23	23%
Analgésicos	36	36%
Antigripais	10	10%
Antialérgicos	15	15%
Vitaminas	4	4%
Outros	12	12%
Antes de se automedicar, procurou informações, ou esclarecimentos sobre o medicamento?		
Sim	78	78%
Não	22	22%
Quem indicou o medicamento?		
Médico que consultou anteriormente	26	26%
Farmacêutico	22	22%
Balconista de farmácia	30	30%
Amigo, parente, vizinho	15	15%
Propaganda (Televisão, rádio, entre outras)	7	7%
O que te faz comprar um medicamento sem prescrição médica		
Solucionar um alívio imediato	52	52%
Experiência com o medicamento	37	37%
Falta de acesso ao médico através do sistema único de saúde (SUS)	2	2%
Indicação/ Influência	5	5%
Outros	4	4%

Fonte: Elaboração própria, 2021

Aquino e colaboradores (2010), em pesquisa realizada em uma universidade pública no Recife, com o objetivo de avaliar o comportamento dos futuros profissionais da saúde, com relação à utilização de medicamentos e a prática da automedicação, mostrou-se que 65,5% dos entrevistados confirmaram ter feito uso de medicamentos nos últimos quinze dias sem prescrição médica.

Em pesquisa de Silva e colaboradores (2011), realizada na Universidade Federal de Goiás, com objetivo de estimar a prevalência da automedicação para o alívio da dor entre os estudantes universitários de enfermagem, também mostraram que os analgésicos mais utilizados na prática da automedicação, são a dipirona (59,2%) (pura ou em associação com outros fármacos), o paracetamol (19,8%) (puro ou em associação), e as drogas anti-inflamatórias não esteroidais (13,1%).

Um estudo transversal desenvolvido por Arrais e colaboradores (2016), realizado através dos dados de Pesquisa Nacional de Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de medicamentos (PNAUM), com intuito de analisar os fatores associados a utilização de medicamentos por automedicação no Brasil, mostrou que as classes mais utilizadas foi a dipirona e relaxantes musculares. E sua maioria são considerados isentos de prescrição (65,5%).

Estudo realizado por Silva e colaboradores (2013) em um Centro de Saúde Universitário em São Paulo, com objetivo de avaliar a prevalência de automedicação e os fatores associados a esta prática, entre os universitários atendidos no Centro de Saúde Escola, apontaram um aumento no uso do paracetamol na população no ano de 2021, comprando como estudos anteriores.

De Carvalho Correia (2019) num estudo sobre a prevalência de automedicação entre jovens e adultos da região centro de Portugal, identificaram também que os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos e os anti-inflamatórios, Apesar de todos os alerta sobre a automedicação alguns indivíduos ainda se automedicarem sem preocupar com os efeitos colaterais.

Estudos realizados em farmácias observaram alta prevalência de indicação, sendo 57,4% indicações de fármacos são realizados por balconistas. Na população rural da Bahia, a farmácia foi responsável por 44% das situações de automedicação (SILVA et al., 2011).

Naves e colaboradores (2010), descrevem que a construção da identidade de farmacêuticos mostra-se associada a de balconistas e complementar à visão das farmácias. Percebe-se que os papéis são, muitas vezes, indissociáveis. Alguns participantes constroem e expressam uma imagem da farmácia como estabelecimento de venda de medicamentos e do farmacêutico como vendedor de remédios, que objetiva apenas obter lucro com a venda de produtos. Farmacêuticos e balconistas não são vistos pela maioria dos participantes como profissionais de saúde, nem como trabalhadores com diferente formação profissional; ambos são identificados pela prática de venda de medicamentos.

De acordo com a OMS (2012), alguns fatores podem propiciar a automedicação entre a população, sendo um dos motivos não haver tempo para participar de uma consulta médica, da mesma forma que a família gera influência para desenvolver esta prática, principalmente porque os medicamentos são recomendados entre os parentes.

A tabela 3 mostra que 40% (n=40) dos pacientes afirmam que se automedicam sem prescrição ocasionalmente e 92% (n=92) não tiveram reação adversa ao se automedicar. Após sentir o efeito adverso, 59% (n=59) dos pacientes suspenderam o medicamento e procurou atendimento médico. O vínculo de comunicação que mais influência na automedicação respondido pelos participantes é a internet com 68% (n=68).

Ao adquirir um medicamento sem prescrição médica 66% (n=66) dos pacientes, obteve a atenção e orientação do farmacêutico e ainda 98% (n=98) dos pacientes apontam que é de extrema importância a participação do farmacêutico no ato da dispensação dos medicamentos (Tabela 3).

Tabela 3- Caracterização de automedicação sem acompanhamento médico, efeito adverso, e assistência e atenção farmacêutica.

(continuação)

	Frequência	Percentual
Você se automedica sem acompanhamento médico com frequência		
Raramente	30	30%
Ocasionalmente	40	40%
Sempre	30	30%

Tabela 3- Caracterização de automedicação sem acompanhamento médico, efeito adverso, e assistência e atenção farmacêutica.

	(conclusão)	
Desses medicamentos que foram usados, alguém teve reação adversa (efeitos indesejáveis)?		
Sim	8	8%
Não	92	92%
Após sentir o efeito adverso, suspendeu o medicamento e procurou atendimento médico?		
Sim	59	59%
Não	41	41%
Quais são os vínculos de comunicação que mais influência na automedicação?		
Televisão	32	32%
Internet	68	68%
Folders	0	0%
Rádio	0	0%
Ao adquirir o medicamento sem prescrição médica, obteve a atenção e orientação do farmacêutico?		
Sim	66	66%
Não	34	34%
O farmacêutico orientou possíveis interações medicamentosas?		
Sim	49	49%
Não	51	51%
Para você, é importante a participação do farmacêutico na dispensação dos medicamentos?		
Sim	98	98%
Não	2	2%

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Soterio e colaboradores (2016) relatam que o acesso “facilitado” no momento da aquisição faz com que muitas pessoas não procurem uma unidade de saúde para realizar consulta médica para um diagnóstico efetivo de alguma doença, ou uma prescrição e orientação do uso correto de medicamentos. Muitos fatores como problemas governamentais de dificuldade de acesso ao sistema de saúde, como também o acesso livre a informações que é a internet torna a automedicação um meio mais fácil de “curar” ou “amenizar” alguma dor ou doença.

Neves (2019) descreve também que depois do médico, a internet e a bula são as principais fontes de informação para sanar dúvidas relacionadas ao uso de medicamentos. Júnior e colaboradores (2018), também afirma que a propaganda é veiculada, predominantemente, através da internet, por meio dela o indivíduo assimila informação sobre as indicações dos medicamentos que podem ser adquiridos na farmácia sem receita médica, onde muitas vezes o medicamento utilizado pelo consumidor não era o indicado para sua enfermidade.

Segundo Fernandes e colaboradores (2015) o farmacêutico de estar executando a atenção farmacêutica sempre a favor do paciente e estar preparado para atuar de maneira adequada. A atenção farmacêutica é a ferramenta utilizada pelo profissional

farmacêutico, com o objetivo de promover o uso correto de medicamentos e passar para a população importância dessa prática, isso justifica a necessidade do profissional em todas as farmácias e drogarias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa identificaram que o perfil dos pacientes atendidos na drogaria localizada no município de Santa Leopoldina que se automedicam, são mulheres, solteiras, na faixa etária de vinte a trinta anos, com ensino médio completo e renda familiar entre dois a três salários mínimos, e que não possuíam plano de saúde.

A pesquisa mostrou que as classes terapêuticas mais usadas pelos pacientes são os fármacos com propriedades analgésicas e antipiréticas, sendo os medicamentos isentos de prescrição (MIPs), dipirona e o paracetamol, os medicamentos mais usados. Os pacientes relataram que se automedicam sem acompanhamento médico ocasionalmente. Os resultados encontrados refletem a população local do município, sendo necessário outros estudos com diferentes populações.

O profissional farmacêutico possui o papel fundamental de orientação, com intuito de combater a automedicação, portanto deve estar preparado para atuar na atenção farmacêutica para que ocorra a diminuição de uso desnecessário e/ ou uso incorreto de medicamentos.

Os participantes dessa pesquisa demonstram a total importância do profissional farmacêutico no ato da dispensação do medicamento, e isso afirma a importância do papel do profissional no seu ambiente de trabalho. O farmacêutico tem o papel de passar informações e orientações necessárias, conscientizando o paciente sobre o medicamento e garantindo a sua segurança e eficácia dos medicamentos, a orientação na população a partir do farmacêutico é fundamental para o uso consciente de medicamentos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Tatiane de Oliveira Silva et al. Descarte de medicamentos: uma análise da prática no Programa Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 2157-2166, 2014

AMARAL, R. et al. AUTOMEDICAÇÃO: PRINCÍPIOS GERAIS. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research–BJSCR**, v. 23, n. 2, p. 105-110, 2018.

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, Ago. 2010.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, p. 13s, 2016. BRASIL.

BRASIL. Conselho Federal e Farmácia. **Estudo aponta perfil de intoxicação medicamentosa por automedicação no Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5849>. Acesso em: 26/06/2020.

BRASIL. Conselho Federal e Farmácia. RESOLUÇÃO Nº 585 DE 29 DE AGOSTO DE 2013. Brasília, DF. Disponível em:
<https://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/585.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de saúde. **Automedicação**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: [_http://www.blog.saude.gov.br/index.php/34310-automedicacao](http://www.blog.saude.gov.br/index.php/34310-automedicacao). Acesso em: 20/08/2014.

CARDOSO, Liliane de Almeida; ANDRADE, Nayranna Fernanda Ribeiro Barbosa; SOUSA Isabelle Guedes da Silva; SOUZA Cinthya Maria Pereira de. Perigos da automedicação irresponsável, 2018. Disponível em
 :<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html>. Acesso em: 20/01/2018

CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos catarinenses de medicina**, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.

CONSTANTINO, Viviane Macedo et al. Estoque e descarte de medicamentos no domicílio: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 585-594, 2020.

Conselho Federal de Farmácia. Resolução Nº 585 de 29 de agosto de 2013. Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências.

DE CARVALHO CORREIA, Bruna; TRINDADE, Juliana Kelly; ALMEIDA, Alexsandro Barreto. Fatores correlacionados à automedicação entre os jovens e adultos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 2, n. 1, p. 57-61, 2019.

DE MIRANDA FILHO, Jorge Paulo; DE ANDRADE JÚNIOR, Francisco Patricio; DE ALBUQUERQUE MONTENEGRO, Camila. Cuidados farmacêuticos e os medicamentos isentos de prescrição: revisão integrativa da literatura. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 10, n. 1, p. 153-162, 2021.

FERNANDES, Wendel Simões; CEMBRANELLI, Julio César. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista Univap**, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015.

JOAQUIM, Magali Rocha. **Automedicação versus indicação farmacêutica**. 2011. Tese de Doutorado.

MONTEIRO, Lilian. **Os perigos do autodiagnóstico e da automedicação pela internet diante do novo coronavírus**. EM, 2020. DISPONÍVEL EM:
https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/20/interna_gerais,1139969/os-perigos-do-autodiagnostico-e-da-automedicacao-pela-internet.shtml . ACESSO EM: 20/04/2020

MONTEIRO, Sally Cristina Moutinho; DE AZEVEDO, Luzimeire Santos; BELFORT, Ilka Cassandra Pereira. Automedicação em idosos de um programa saúde da família, Brasil. **Infarma-Ciencias Farmaceuticas**, v. 26, n. 2, p. 90-95, 2014.

NASCIMENTO JÚNIOR, J. M. et al. Uso Racional de medicamentos: fundamentação em condutas terapêuticas e nos macroprocessos da Assistência farmacêutica. **Brasília: OPAS/OMS**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2016.

NASCIMENTO, Mariana Fontura Lana. O que são medicamentos isentos de prescrição (MIPs)?. Blog do CEMED,2017. Disponível em: <https://cemedmg.wordpress.com/2017/07/07/o-que-sao-medicamentos-isentos-de-prescricao-mips/>

NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al . Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, supl. 1, p. 1751-1762, June 2010.

NEVES, Úrsula. Automedicação é um hábito comum para 77% dos brasileiros, indica pesquisa. PEBMED,2019. Disponível em: <https://pebmed.com.br/automedicacao-e-um-habito-comum-para-77-dos-brasileiros-indica-pesquisa/> .Acesso em: 23 de out. 2019.

OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein (São Paulo)**, v. 16, 2018.

OMS. Organização Mundial da Saúde. BVS. Automedicação. Brasil. 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2018/TRABALHO_EV108_MD1_SA7_ID34_20042018100934.pdf. Acesso em: 20/01/2018.

PEREIRA, Francisco Gilberto Fernandes et al. Automedicação em idosos ativos. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 4919-4928, 2017.

PEREIRA, MarluCIA Beatriz Lopes; DE PAULA, Milton Carlos Alves; SANTOS, Nilzalane Lima. Medicamentos: descarte de vencidos e utilização de sobras. **Saúde (Santa Maria)**, v. 3, n. 44, 2018.

SILVA, JAC da et al. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. **Rev Bras Clin Med**, v. 11, n. 1, p. 27-30, 2013.

SILVA, Lucas Salles Freitas et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. **Odontologia Clínico-Científica (Online)**, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011.

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, 2016.